

As mulheres contemporâneas nas narrativas veiculadas nos Podcasts

Daniela Jaques Roos¹
Sandra Monteiro Lemos²

RESUMO

Este trabalho focaliza a temática do feminismo na contemporaneidade, a partir de narrativas veiculadas em mídias sociais que colocam em circulação diversos discursos sobre mulheres. A análise dessas narrativas poderá fornecer pistas sobre quem seriam essas mulheres, o que contribuiria para apontar alguns caminhos para trabalhar questões de gênero tanto na escola quanto fora dela. Para tanto, o estudo toma os podcasts como objeto de análise. Reconhecendo o podcast como artefato cultural, ao considerá-lo como mídia informacional muito utilizada na contemporaneidade, buscou-se analisar como a mulher estaria sendo representada na sua programação. Investigou-se sobre os discursos que estariam em circulação, suas implicações e possíveis impactos. O estudo fornece indícios sobre algumas das representações presentes sobre o feminismo e quem seriam as mulheres na contemporaneidade, as quais estariam sendo divulgadas através dos programas, nos canais de podcasts. Em síntese, o estudo permitiu tecer alguns entendimentos sobre o modo como esse tipo de artefato - os podcasts - estariam operando com uma Pedagogia Cultural.

APRESENTANDO O ESTUDO

[...] Diante da secular hegemonia masculina, nossa independência ainda
é uma novidade, nem todos se acostumaram.
Mas homens esclarecidos e sagazes nos respeitam.
Sofrem como nós sofremos com a partida deles. Choram. A dor da perda é a mesma.
Vez que outra, os mais inconsoláveis rogam praga:
“você vai ficar sozinha para o resto da vida!”
Cuidado. Em vez de inibi-la, a ameaça pode entusiasma-la:
o que não falta é mulher sonhando em sair de uma relação para viver só para seus livros,
filmes e amigos, livre como o vento soprando nas montanhas.
(Martha Medeiros, 2020)

¹ Licenciada em História, Educadora Social, Pós Graduanda no Curso de Especialização em Educação e Cultura UERGS.

² Doutora em Educação, Professora Adjunta na UERGS, Orientadora do estudo.

A epígrafe com que abro esse artigo diz muito da motivação que me impulsionou nesta escrita e neste estudo. Reflito sobre o fato da escritora Martha Medeiros (2020)³ comentar o próprio poema que havia escrito há cerca de 20 anos atrás, ou seja, no ano 2000. O seu poema fala que toda mulher tem um homem que se foi. Diz que saem para comprar cigarro e esquecem de voltar. Marta explica em seu texto que a sociedade sempre aceitou como algo natural a figura do homem que deixa de amar a sua esposa e reconstrói a sua vida. Ela destaca que pertencia somente a “eles” a liberdade quanto às suas ações e que tal liberdade estaria entrelaçada a sua autonomia financeira. Afirma que a “elas” restava o lamento e no máximo uma pensão para os filhos, na separação, caso estas tivessem um bom advogado.

Ao longo do texto, Medeiros (2020), argumenta que as coisas mudaram. Creio que vale a pena o registro nas palavras da escritora:

Hoje, as mulheres também vão embora. Não precisam alegar que vão comprar cigarro na esquina, a sinceridade é mais saudável: elas se vão porque a relação desgastou, se vão para escapar de um parceiro agressivo, se vão porque se apaixonaram por outro, se vão porque evoluíram profissionalmente e novas oportunidades surgiram. Se vão porque assim **decidiram**. (MEDEIROS, 2020-grifo nosso)

Tenho razões para acreditar que, sim, as coisas mudaram, e mudaram muito, nos últimos vinte ou trinta anos. Mas sempre que leio algo acerca desse tema, alguns questionamentos ainda pairam em minha mente. De que forma as coisas mudaram assim? O que ocasionou tais mudanças? Fico fazendo comparações entre como eram as mulheres no passado e como são atualmente, e fico pensando, como poderia ser no futuro...

A temática que elegi para este estudo, teve origem na produção de meu trabalho de conclusão de curso, ainda na Licenciatura⁴, intitulado: *O Feminismo na Atualidade e os Possíveis Diálogos nas aulas de História*. No referido estudo me debrucei sobre as influências das imagens das mulheres nos livros didáticos, do componente curricular de

³Na revista eletrônica NSC Total, intitulada Diante da secular hegemonia masculina, nossa independência ainda é uma novidade. Disponível em: <[Diante da secular hegemonia masculina, nossa independência ainda é uma novidade - NSC Total](#)> Acesso em 02/08/2023.

⁴ Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História/UNINTER.

História. Para tanto, foram feitas análises pré-iconográficas⁵ pensando no seu impacto nas identidades das estudantes. Foram analisados dez livros didáticos ao longo daquela investigação. Alguns dos livros analisados⁶ datavam cerca de trinta e cinco anos atrás na época da pesquisa, o que perpassava assim, variados momentos da educação no país.

A partir do aprofundamento dos meus estudos através do Curso de Especialização em Educação e Cultura e, em especial, aqueles advindos das teorizações que compõe os Estudos Culturais (ESCOSTEGUY, 2007) fui impulsionada para novas compreensões sobre o quanto as identidades são fragmentadas (HALL, 2016) e reconstruídas constantemente. Tal fato aumentou meu interesse por entender melhor o modo como artefatos culturais impactam nossa subjetividade. Assim, percebi que eu poderia ampliar meus conhecimentos sobre a temática.

No curso de especialização, o componente curricular de Sociologia da Educação, me desafiou a fazer a escrita na modalidade de ensaio, o que foi algo marcante na minha trajetória. Foi uma forma totalmente nova de traduzir em linguagem acadêmica aquilo que estava no mundo dos meus pensamentos.

O componente de Pedagogias Culturais, em especial, explorou conceitos que eram novos para mim. Nele tive a oportunidade de estudar sobre *os modos de endereçamento*, de autoria de Ellsworth (2001). Como trabalho final dessa disciplina, apresentei um estudo fazendo o contraponto entre artefatos culturais do passado e do presente como livros e músicas⁷. Foi um trabalho que me encantou profundamente, tanto que é deste estudo que advém meu interesse na produção da escrita aqui apresentada. Para tanto os conceitos de Pedagogia Cultural (CAMOZZATO, 2014; COSTA; ANDRADE, 2015) e de Artefato Cultural (CAMOZZATO, 2014) foram selecionados por serem basilares para esse estudo.

⁵ Uma análise pré-iconográfica, é onde se analisa de forma simples, limitada aos motivos iniciais da imagem. Nesse sentido, busquei analisar tais imagens visando compreender suas influências, mais especificamente, no entendimento das alunas.

⁶ Anexo 1

⁷ Anexo 2

Agrego a tudo isso, a produção feita no componente de Novos Espaços Tecnológicos em Educação, em que fiz um trabalho usando a ferramenta podcast e foi aqui então que consegui começar a perceber os canais de podcast como sendo artefatos culturais com endereçamento. Assim, tal produção entrelaçou teoria à prática, o que me desafiou a produzir um podcast⁸.

Considerando a trajetória percorrida, e o interesse sobre o feminismo e o modo como as mulheres contemporâneas estariam sendo representadas, estudos e reflexões me levaram a elaborar algumas questões que me desafiaram na montagem do trabalho de conclusão do curso de especialização. Tais questões foram assim definidas: Quem seriam as mulheres contemporâneas? Que representações sobre as mulheres estariam em circulação nos podcasts?

Para problematizar a temática do feminismo que estaria em circulação nos podcasts, considero que a análise de artefatos da cultura, através do uso do conceito de pedagogia cultural permite entendimentos sobre o modo como as mulheres estariam sendo representadas, e nesse sentido, seria possível delinear algumas das representações que estariam sendo postas em circulação.

Minhas questões de pesquisa foram traduzidas em um objetivo geral, qual seja, identificar representações sobre feminismo e/ou mulheres nos canais de podcasts.

Como objetivos específicos busquei delinear o modo como o feminismo aparece nesse tipo de mídia; bem como elencar modos de representação que estariam sendo empregados no conteúdo apresentado; e pensar sobre os possíveis impactos desses conteúdos nos modos de ser mulher na contemporaneidade.

Quanto à metodologia, foram selecionados alguns canais de podcasts na plataforma Spotify, utilizando o termo de busca “feminismo, em podcasts e programas”, nos quais o critério para escolha dos canais foi feito tentando variar os tipos de canais conforme o público endereçado. Foram escolhidos cinco canais para este ensaio. Os

⁸ Disponível em:

<<https://open.spotify.com/episode/7fS8OVxCU8kIBYTxxZ4n5P?si=1RAWbZLFR1Wyo7h2TbHyTw>>. Acesso em: 09/11/2023

dados elencados foram distribuídos em quadros de análise buscando as recorrências, para que na sequência fosse realizada uma análise desses conteúdos.

O presente ensaio está assim organizado: nas próximas duas seções, apresento os aportes teóricos e metodológicos que sustentaram o estudo, para em seguida detalhar os programas e episódios selecionados. Em continuidade, apresento um exercício de análise, finalizando com algumas considerações sobre o percurso.

REVISÃO DA LITERATURA

Para proceder à revisão de literatura, foram feitas buscas nas plataformas de pesquisas on-line, usando como descritores: feminismo em podcasts, discursos e subjetivações. Além de ter tido dificuldade em encontrar estudos, tratando da temática do feminismo e sua circulação nas mídias, principalmente em podcasts, localizei poucos trabalhos. Em sua maioria os estudos abordavam temas relacionados ao uso das mídias e da tecnologia em geral, o que incluía, vez ou outra, os podcasts. Em alguns estudos, embora estando relacionados à figura da mulher, tratavam da historicidade em relação à mulher e ao rádio/podcast. Não encontrava estudos que investigassem o feminismo enquanto representação, discursos e/ou questões ligadas à subjetivação.

Dentre os trabalhos que se aproximaram da temática que pretendia pesquisar, selecionei dois que chamaram minha atenção. O primeiro foi a dissertação de Cláudia Schneider Marques, intitulada *Fala que eu te escuto: O Canal Mamilos de podcast ensinando sobre maternidade*⁹, e o segundo foi o artigo de Ellen de Carvalho, intitulado *Da participação aos ativismos: as tecnologias da informação e comunicação aliadas ao feminismo*¹⁰. Considerando a relevância de ambos os trabalhos, é importante destacar que também foram usados como arcabouço teórico para meu estudo.

Marques (2020), utilizando o conceito de pedagogias culturais, articulado aos Estudos Culturais e a Educação, analisa seis episódios do canal de podcast *Mamilos*

⁹ Dissertação defendida no PPGEdU/FACED/UFRGS - 2020

¹⁰ Trabalho de Conclusão de Curso nível graduação - UFSC/Araranguá - 2015

que abordam a temática da maternidade. A autora defende em seu estudo que aprendemos a ser quem somos a partir das representações que circulam nos artefatos midiáticos culturais.

Já o trabalho de Carvalho (2015), discute a relação entre as tecnologias da informação e comunicação (TICs) e o feminismo. A autora argumenta que as TICs proporcionam diferentes formas de engajamento e mobilização para o movimento feminista, possibilitando que as mulheres tenham voz e participação ativa na luta por seus direitos. A autora defende que as TICs oferecem um ambiente mais democrático e acessível para a expressão, sendo assim, as redes sociais e a internet funcionam como ferramentas que as mulheres podem utilizar para compartilhar suas experiências, denunciar casos de violência de gênero e promover a conscientização sobre questões feministas. Além disso, afirma que as TICs também têm sido utilizadas como meios de organização e mobilização dos feminismos. Ela destaca a importância das campanhas e manifestações on-line, que, segundo a autora, têm ganhado força nos últimos anos. Explica que através de hashtags e campanhas virais, as mulheres estariam conseguindo ampliar seu alcance e engajar pessoas ao redor do mundo.

No entanto, o artigo também alerta para os desafios e limitações dessas tecnologias. Carvalho (2015) menciona a existência dos ataques on-line, que seriam feitos através de assédio, desencorajando, muitas vezes, a participação feminina e ampliando a violência de gênero. Além disso, ela ressalta a necessidade de garantir o acesso equitativo às TICs, considerando que mulheres de grupos marginalizados podem enfrentar dificuldades adicionais para se engajarem digitalmente.

A TEORIZAÇÃO QUE EMBASA O ESTUDO

Referente aos principais autores e conceitos que utilizo neste trabalho, gostaria de iniciar falando um pouco sobre o campo dos Estudos Culturais, para na sequência,

abordar os conceitos de pedagogia cultural, artefato cultural, discurso e representação. Além desses, acredito que seja importante falar sobre o conceito de endereçamento.

Mas “o que é, afinal, os estudos culturais?” (ESCOSTEGUY, 2007). Para Escosteguy (2007) o campo de teorização dos Estudos Culturais resulta da insatisfação com relação a algumas disciplinas e seus limites, sendo assim “é um campo de estudos onde diversas disciplinas se interseccionam no estudo de aspectos culturais da sociedade contemporânea.” (ESCOSTEGUY, 2007, p.3). A mesma autora explica que o campo dos Estudos Culturais abrange deslocamentos necessários, do ponto de vista teórico, que contribuíram para novas construções, e que do ponto de vista metodológico a ênfase se dá no trabalho qualitativo com interesse em valores e sentidos vividos. Como campo de investigação, os estudos culturais têm caráter interdisciplinar que explora as formas de produção ou criação de significados e de difusão dos mesmos nas sociedades atuais. Desse modo, a criação de significado e dos discursos reguladores das práticas significantes da sociedade revelam o papel apresentado pelo poder na regulação das atividades cotidianas das formações sociais (ESCOSTEGUY, 2007). É possível considerar que essa significação esteja, de certo modo, vinculada ao conceito de representação, o qual é muito caro a esse campo de estudos.

Stuart Hall (2016) ao discorrer sobre representação, se perguntava como as imagens que vemos nos ajuda a captar o funcionamento do mundo nos apresentando realidades, valores, identidades e no que pode acarretar. Dessa forma, tomou lugar estudos que buscam analisar os efeitos da mídia nas sociedades, constituindo assim o que chamamos de política da imagem. Hall (Ibidem) tem a representação como seu conceito central, não como visão comum de reflexo ou verdade por correspondência, mas sim, numa perspectiva mais ativa e constitutiva do ato representativo no processo de construção social da realidade. O autor concebe a realidade como uma construção social e, como tal, é impactada por discursos, dentre esses os veiculados pela mídia, buscando entender como o poder se insere nesse processo.

Em alguns de seus estudos, Hall (2016) nos apresenta a noção de representação como um ato criativo [...] “que se refere ao que as pessoas pensam

sobre o mundo, sobre o que 'são' nesse mundo e que mundo é esse sobre o qual as pessoas estão se referindo, transformando essas 'representações' em objeto de análise crítica e científica do 'real'. (HALL, 2016. p.11) Baseado em Adorno, o autor sugere o interrogatório da e à imagem, o que seria um questionamento dos valores contidos na imagem e além dela e diz: "Representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura". (HALL, 2016. p.31)

Ao analisar o conceito de discurso em Foucault, Hall (Ibidem) explica que discurso vai além de um conceito linguístico. Para ele, o discurso define e produz conhecimento. Diz que discurso influencia ideias e práticas para regular condutas. Explica ainda que há uma intrínseca relação entre poder e conhecimento e que estes assumem a autoridade de verdade e não apenas isso, busca-se o fazer-se verdade e chama atenção a existência da formulação discursiva que é o que sustenta o regime de verdade.

Um ponto relevante, que cabe destacar aqui, é em relação ao poder. Hall (Ibidem) explica que, segundo Foucault, o poder não irradia de uma fonte única ou viria de cima para baixo, mas sim circularia em todos os níveis sociais, operando em todos os campos da vida. Argumenta, ainda, que o poder perpassa as práticas cotidianas, o que seria a microfísica do poder. Ele explica que o corpo não é simplesmente um corpo natural, mas sim um corpo produzido dentro do discurso.

Assim, conforme Hall (Ibidem) os discursos produzem os sujeitos como por exemplo o homem louco, a mulher histérica, etc. Os discursos produzem lugar para os sujeitos onde o leitor seria o sujeito, e haveria um projetar de nós mesmos nas imagens/posições de sujeitos. Nos explica que inicialmente para Foucault o discurso é que produz conhecimento e não o sujeito. Ou seja, é o discurso que estaria comprometido com o poder e não necessariamente necessita de um sujeito para o *poder/conhecimento* operar e cita como exemplos: o rei, a classe dominante, o estado, etc.. Posteriormente, em sua obra foi se preocupando mais com o sujeito e explica que teria o sujeito certa autonomia porém produziriam textos particulares mas ainda assim

operam dentro dos limites da formação discursiva, dentro de um regime de verdade conforme a cultura e o tempo que se inserem. Ou seja, discursos produzem sujeitos e posições de sujeito (sujeito de poder e sujeito que se sujeita).

Em “O espetáculo do outro” (HALL, 2016) analisa a prática representacional denominada de estereotipagem, onde a representação visual assume o centro das atenções. Ele explica que lemos as imagens, olhamos para as diferenças entre “eu” e o “outro”, e essas diferenças falam, marcam, têm significados e estes significados dependem da diferença entre opostos (ex. dia/noite, alto/baixo,...), ou seja, explica que seria preciso estabelecer a diferença entre as coisas para poder classificá-las. Apesar de que neste trabalho eu não pretenda me aprofundar no conceito de estereotipagem, creio que seja relevante levar em consideração a questão do estabelecimento de diferenças para as classificações, até mesmo para compreender a variedade de diferentes canais de podcasts endereçados a públicos diferentes.

Outro conceito que me será muito útil, será o de artefato cultural. Conforme compreende Camozzato (2014), o artefato cultural é “um objeto que tem, em torno de si, significados culturais construídos mediante embates por determinados significados associados a relações de poder.” (CAMOZZATO, 2014).

Partindo da problematização do conceito de Pedagogia, Camozzato (2014) nos faz refletir sobre as transformações do conceito articulado às transformações culturais, e parte da hipótese que a pedagogia procura responder às exigências de cada tempo. Explica que o uso do conceito pedagogia vem sendo empregado para mostrar a operacionalidade de discursos específicos em artefatos que se dispõem a educar e produzir determinados tipos de sujeitos, onde cada indivíduo é incitado a fazer operar sobre si para tornar-se sujeito de determinados discursos, lembrando que estes podem assumir diversas posições-de-sujeito. Nesse sentido, “a tentativa parece ser a de controlar ao máximo o modo e as relações dos sujeitos incitando a implementarem sobre si uma série de pequenos movimentos, que mostrariam justamente a dispersão desse conceito num conjunto maior que a sociedade tem produzido” (CAMOZZATO, 2014, p.575).

Ao reconhecer o podcast como um artefato cultural busco analisar a representação da mulher que circula na programação, investigando discursos circulantes neste meio e suas possíveis implicações. Nesse sentido, Pedagogia Cultural é um conceito que me será muito útil, pois:

O conceito de pedagogia cultural se aplica, assim como Silva (2000, p.89) assinalara, a qualquer dispositivo cultural que, tal como a escola, esteja envolvido – em conexão com as relações de poder – no processo de transmissão de atitudes e valores”. Os dispositivos culturais e midiáticos operam sobre os indivíduos provocando reflexões e aprendizagens carregadas de ideologias, que são produtoras de representação, portanto, “educam, regulam condutas, subjetivam (ANDRADE E COSTA, 2015, p. 850). (APUD MARQUES, 2020, p.21)

Outro conceito que me dá subsídio é o de endereçamento, com base no trabalho de Ellsworth (2001). Inicialmente não havia pensado em trabalhar esse conceito, porém, conforme o trabalho foi se encaminhando, notei que ele se vincula diretamente com o que vi enquanto produzia as tabelas de análises dos podcasts.

Ellsworth (2001), esboçando o significado de “modo de endereçamento”, explica que se refere a algo que age sobre os espectadores e explica que filmes, cartas, livros e comerciais são feitos “para alguém”. Logo, é possível elencar nessa lista os podcasts, pois também são feitos para alguém, ou seja, eles tem um endereço previamente determinado. Ela segue explicando que existe um processo de negociação, onde se imagina quem é o público endereçado e quem esse público pensa que é, e cita esse exemplo:

Se Jurassic Park tivesse sido endereçado estrita e unicamente aos garotos estadunidenses brancos, ricos, de 12 anos, seria muito menos provável que o resto do planeta fosse vê-lo. Há algo nesse filme que é dirigido para quem os seus produtores imaginam que sou. (Minha desconfiança é de que a cientista forte, corajosa, inteligente está dirigida a uma parte de mim...). Assim, no processo de negociação dos modos de endereçamento de Jurassic Park, com vista a “pegar” o filme e desfrutá-lo, não foi preciso que eu simplesmente me imaginasse como um garoto de 12 anos. (ELLSWORTH, 2021, p. 21)

Conforme a mesma autora, os estudiosos do cinema acreditam que os modos de endereçamento dos filmes podem contribuir para a formação inconsciente de subjetividades específicas como: “homens e mulheres sexistas e machistas, racistas de qualquer cor, pessoas ricas e poderosas voltadas à exploração dos outros por

exemplo”, e segue explicando sobre a existência de uma dinâmica de poder, que tais estudiosos, não desejam que sejam recompensadas pelas narrativas e imagens desses filmes.

Por fim, mas não menos importante, um conceito que se faz necessário citar nesse trabalho é o conceito de feminismo. Conforme diz o Dicionário Online de Português, o feminismo é a “Doutrina cujos preceitos indicam e defendem a igualdade de direitos entre mulheres e homens. Movimento que combate a desigualdade de direitos entre mulheres e homens”. Porém Hooks (2018) nos diz que gostaria que houvesse uma simples definição para se ler repetidas vezes a qual seria: “Feminismo é um movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão.” Já em seu trabalho, Ribeiro (2017) nos fala em trazer ao grande público “questões importantes referentes aos mais diversos feminismos de forma didática e acessível”, ou seja, a autora fala em feminismos de forma plural. Com tudo isso, vejo que os feminismos são movimentos que combatem desigualdades e opressões com visões de mundo múltiplas, plurais.

SOBRE A METODOLOGIA E A ORGANIZAÇÃO DO ESTUDO

A abordagem metodológica, considerando o campo de ancoragem desse estudo, encontra-se alinhada ao pós-estruturalismo e às pesquisas pós-críticas. Nesse sentido, as pesquisas com base nos Estudos Culturais “se aproveitam de quaisquer campos que forem necessários para produzir o conhecimento exigido por um projeto em particular” (NELSON, TREICHLER & GROSSBERG, 2003, p.9). Marques (2020) corrobora com essa afirmação, ao citar Paraíso (2014), pois “afinal, as teorias pós-críticas não possuem um método recomendado para realizarmos nossas investigações”. Ou seja, o caminho vai sendo definido a partir das leituras e das escolhas metodológicas que vamos fazendo, para a construção de conhecimento, “o chão vai definindo o calçado, afinal” (MARQUES, 2020, p. 11).

Como recurso metodológico, foram selecionados cinco canais de podcasts na plataforma Spotify, utilizando como descritor os termos feminismo em podcasts e programas. Como resultado, encontrei uma programação muito ampla. O critério utilizado para a escolha dos canais teve como propósito variar os tipos de canais conforme o público endereçado. Desse modo, direcionei minhas escolhas para os que contemplassem a temática das mulheres. Assim, selecionei cinco canais para esta pesquisa: 1. Feminismo e marxismo¹¹; 2. Femigrantes BR Podcast¹²; 3. Feminismo e sociedade¹³; 4. Pretoteca¹⁴; e 5. Corpo especulado¹⁵.

Após selecionados os canais, foram selecionados episódios. Como critério para seleção utilizei datas e temáticas intercaladas, buscando conhecer e englobar de maneira mais geral o conteúdo apresentado pelo canal.

Desse modo, selecionei os episódios, cujo conteúdo tinha proximidade com meus interesses investigativos. Os episódios pinçados para análise foram distribuídos em tabelas, a partir das recorrências identificadas, para que na sequência fosse realizada análise dos conteúdos. Assim, de cada canal foram ouvidos e selecionados quatro episódios.

Episódios do canal 1:

Opressão e exploração. https://open.spotify.com/episode/3yudDa03yX98Et8SaiK8kA?si=UNwGRYVER9eeZsMUz4sebQ
Primeiro de Maio: Nós mulheres, o proletariado. https://open.spotify.com/episode/59jWHmC4H1p11LbhwPAMpR?si=jMYPzHFbSbOrcP4FL1FU0Q
A luta das mulheres no Irã. https://open.spotify.com/episode/1mhbHZ8KPkOyo3R5cvdjPc?si=rfbXxrKZRf-NUrTUcKt5dw
Prefácio do livro: mulheres, revolução e socialismo https://open.spotify.com/episode/1XBIHnVbLAWAdMnmJUUp3E5?si=49zBctINSYi_lm9m7L_gOg

Episódios do canal 2:

¹¹ Disponível em: <https://open.spotify.com/show/27KsqTiZz2NJMgKNQbSshr>

¹² Disponível em: <https://open.spotify.com/show/2QqYWEXDTI7x77NINqR11f>

¹³ Disponível em: <https://open.spotify.com/show/5gGwlbRPemQexGBrxeKLP9>

¹⁴ Disponível em: <https://open.spotify.com/show/68He2FOTqcbLcGgJARYKiI>

¹⁵ Disponível em: <https://open.spotify.com/show/0yXcsoOc3YctRaDqR2hSlr>

Por que migramos para Paris? Bastidores da migração de duas brasileiras periféricas.
<https://open.spotify.com/episode/3xl6K8MByZFzqLfnHm8oQ?si=XqAyYs3ITMqrx-biuUu4Mw>

Fechando e abrindo ciclos entre o Brasil e a França
<https://open.spotify.com/episode/2C5aGTbSeXqXZ17m5q7n6x?si=YBz-N7UzRYiseLH8L5OIRA>

O trabalho nos define? Redefinindo o “sucesso” na migração - parte 2
https://open.spotify.com/episode/34W8e3ZgkXwrrreTiP6u1A?si=sjT3bW_5TAKYyRovOEdkWg

Porque as mulheres estão migrando mais?
<https://open.spotify.com/episode/6opGJt6YnqVasdSXfbQtba>

Episódios do canal 3:

Por que é importante falar sobre feminismos.
https://open.spotify.com/episode/7FXv5X60YDn42K1oAjeicA?si=6yt3w8ZbSlYfn_Dlukf1A

A construção social dos gêneros
<https://open.spotify.com/episode/2IFzV5NEMo5aleq0VvD7bQ>

O patriarcado e a violência contra as mulheres
https://open.spotify.com/episode/4IehyjfMFy0OlzuTrz4Gek?si=j_gd4rGHQrGc99INEj0wgQ

os feminismos e a luta antirracista
<https://open.spotify.com/episode/5g1gqYCQMqvUGS4NBTrqNK?si=43390a194a044c5a>

Episódios do canal 4:

Meu primeiro encontro com o racismo
<https://open.spotify.com/episode/0LJHekgEGfbQtXVftJcDSQ?si=8a6c60eaa2304f72>

qual a cor da produção cinematográfica
<https://open.spotify.com/episode/4VGeYsuNm8fmsRq9qOwjRw?si=6a183402f6f24d84>

Porque as pessoas que cometem racismo não são pretas.
<https://open.spotify.com/episode/0gGGR7wUIZ1rI8mg1CNiTq?si=d5757ee6e42341db>

Dia Internacional da mulher Negra Latino- americana e Caribenha
<https://open.spotify.com/episode/6XT4vJfTh8yJTQK2YpeL5J>

Episódios do Canal 5:

Duas caixinhas
<https://open.spotify.com/episode/6M0y8Yb63urskFATZ1OobV?si=9fc8e68893374e48>

Estélicas e lobotomizadas
<https://open.spotify.com/episode/7KY1FAkUHtWynhifEGLypS?si=1e7558a0f4594121>

Complicadas demais<https://open.spotify.com/episode/7gyaRdxdlNKntdCh821Bnc>**a cereja do bolo**<https://open.spotify.com/episode/0CGFLJRIqpEkjiSUAuSU8i?si=4a78a4ad6a0647bb>

Após selecionados e organizados os conteúdos, iniciei as escutas, tomando nota de tudo o que chamava a atenção. Além disso, ao final da audição dos episódios de cada canal e anotar minhas percepções, foi feito um resumo do conteúdo, com considerações e hipóteses iniciais de como esse canal estaria, de alguma forma, impactando a cultura. Somente então, na hora de reunir todo esse material, procedi à análise com base no referencial teórico. Considero que esse tenha sido um dos momentos mais difíceis da escrita. Me senti desafiada a costurar meus pensamentos, com o que ouvi nos podcasts, sob as lentes do embasamento teórico que me acompanhou. Essa análise não foi, de forma alguma, produzida com a intenção de trazer respostas absolutas, soluções ou promessas, mas sim, uma análise mais voltada à reflexão e problematização, algo como um ensaio.

Segundo Larrosa (2004), o ensaio é uma operação que se dá no pensamento, na escrita e na vida.

Poder-se-ia dizer, talvez, que o ensaio é o modo experimental do pensamento, o modo experimental de uma escrita que pretende ser uma escrita pensante, pensativa, que ainda se produz como uma escrita que se dá o que pensar; e o modo experimental, por último, da vida, de uma forma de vida que não renuncia a uma constante reflexão sobre si mesma, a uma permanente metamorfose. (LARROSA, 2004, p.32)

Além de Larrosa (Ibidem), penso que nesse momento também fui inspirada por Ellsworth (2001) em relação à pesquisa, pois “[...] eu não quero ensinar ou aprender na ausência de prazer, enredo, emoção, metáfora, artefatos culturais e de envolvimento e interação com o público.” (p. 10)

OS CANAIS DE PODCASTS - A ESCUTA (REFLEXIVA) DOS EPISÓDIOS

No episódio intitulado *opressão e exploração*, canal 1, é explicado ao ouvinte que o mesmo se dá atendendo aos inúmeros pedidos sobre o tema, dado a defasagem de programas com enfoque marxista sobre a questão de gênero. A partir da abordagem realizada há evidências de contrariedade em relação ao governo vigente da época. Referindo-se como sendo “governo reacionário de Bolsonaro”. Explicam, de imediato, que os episódios tratam de conceitos teóricos básicos, política e atualidade. Fica evidente o posicionamento político. Esse período é reconhecido como sendo de grande divergência política¹⁶. Aqui podemos pensar em um público específico, ficando explícito um certo endereçamento.

Percebi que já na sua apresentação, o podcast, discute sobre a relação entre feminismo e marxismo e os participantes afirmam que essas duas teorias se complementam e podem ser aplicadas para lutar contra a opressão de gênero e a desigualdade social. Explicam que no canal são abordados diversos temas, tais como a divisão sexual do trabalho, a exploração e a luta das mulheres no contexto capitalista. O podcast destaca a importância de unir forças entre o movimento feminista e o movimento operário para promover uma mudança real e efetiva na sociedade. Ou seja, além de um posicionamento político definido, o canal também demonstra uma finalidade, um objetivo, que seria o de unir forças e lutar contra aquilo que discordam. Esse discurso convoca os espectadores, é como se dissesse: junte-se a nós, una forças conosco, lute!

No episódio intitulado *Primeiro de maio: nós mulheres o proletariado*, canal 1, aborda a exploração e opressão de mulheres no contexto social da pandemia¹⁷ argumentando que mulheres que já viviam jornadas duplas e triplas ligadas à maternidade e aos serviços domésticos, tiveram seus trabalhos intensificados. Explica que mulheres são oprimidas e enfrentam extrema exploração pelo capitalismo e o

¹⁶ A divergência política é uma das principais causas de tensão entre as pessoas em todo o mundo, segundo uma pesquisa da Ipsos realizada em 27 países, incluindo o Brasil. Pelo menos 44% dos entrevistados escolheram esse tema como um dos motivos causadores de conflitos entre familiares e amigos. Disponível em <[Divergência política é a principal causa de tensão entre pessoas em todo o mundo, aponta pesquisa - Congresso em Foco \(uol.com.br\)](#)> Acesso em 10/09/2023.

¹⁷ Histórico da pandemia de COVID-19. Disponível em <[Histórico da pandemia de COVID-19 - OPAS/OMS | Organização Pan-Americana da Saúde \(paho.org\)](#)> Acesso em 07/11/23.

patriarcado, e que por isso o 1º de maio deveria ser um dia de luta como forma de unificar os setores oprimidos. O episódio alude ao que chamou de “herança machista” que coloca as mulheres no papel do cuidado do outro, e sempre em um papel desvalorizado. Localizo aqui, novamente, o discurso da convocação para unificação de forças. Primeiramente denuncia e após, convoca.

No episódio intitulado *A luta das mulheres no Irã*, canal 1, a discussão trata das lutas das mulheres no Irã. Argumenta em defesa da importância histórica das mulheres iranianas na resistência contra o regime opressor do Irã, desde a Revolução Islâmica de 1979 até os dias atuais. É destacado o papel das mulheres como líderes ativas em manifestações que enfrentam a opressão das leis, as quais se referem como misóginas e excludentes com inúmeras restrições impostas às mulheres. O episódio também explora a questão da imposição do véu islâmico, discutindo como as mulheres têm contestado e desafiado essa obrigação, tanto individualmente como em movimentos coletivos.

Ao longo do episódio, são compartilhadas histórias de mulheres iranianas adjetivadas como “corajosas” que lutaram e continuam lutando pelos seus direitos, mesmo sob repressão e perseguição. Também são mencionados os desafios enfrentados pelas mulheres da classe trabalhadora no Irã, que são ainda mais marginalizadas e oprimidas se comparada às brasileiras. Destaco aqui que o adjetivo corajosas é delegado a mulher que luta por seus direitos, note que se coloca valor nesse tipo de ação, a mulher corajosa, é a que luta, e essa é que parece ser valorizada. Noto que há um discurso endereçado. Um discurso que convoca a seguir esse modelo, um modo de ser no mundo, corroborando com Marques (2020):

Assumo, assim, neste texto, o entendimento de que os discursos constroem representações e operam na “modelagem” de sujeitos ao promoverem constantemente a sua inclusão/exclusão em determinadas classificações.[...]a cultura popular tem amplo alcance e papel fundamental na produção de subjetividades. (MARQUES, 2020, p. 22)

No episódio intitulado *Prefácio do livro: mulheres, revolução e socialismo*, canal 1, inicia com um prefácio de um livro da ativista feminista Josefina Martinez, que

buscou analisar o papel das mulheres na luta revolucionária e socialista. O livro aborda assuntos como patriarcado, opressão de gênero e as interseções entre feminismo e socialismo. Explica que Martinez examina a história das mulheres como uma classe oprimida e diz que a igualdade de gênero só será alcançada através de uma transformação radical da sociedade. Evidencio aqui o modo como esse artefato estaria operando enquanto Pedagogia Cultural, pois é por meio dela “que os indivíduos têm contato com diversos conceitos e ideias, bem como com identidades, com as quais vão, aos poucos, se identificando” (MARQUES, 2020, p.41).

Considerando os quatro episódios analisados, ganha destaque os temas como a luta das mulheres no contexto da luta de classes. Em suma, o canal fala sobre os desafios enfrentados pelas trabalhadoras, as questões de gênero dentro do pensamento marxista, entre outros assuntos relacionados ao feminismo e ao marxismo. Como hipótese inicial, destaquei as possíveis implicações que possam vir a impactar a cultura, seja pela variedade de conteúdos, seja pela abordagem de diferentes culturas. Os temas abordados promovem alguns valores tais como: tolerância, diversidade e igualdade. Penso que esse tipo de programa, integrando esse tipo de veículo midiático, assim como dita tendências e/ou comportamentos sociais, poderá impactar o estilo de vida das pessoas influenciando escolhas e modos de ser na sociedade.

As discussões apresentadas neste canal podem estimular a busca por conhecimentos relacionados a temas como história, arte, música, tradições etc. E a promoção dos debates e reflexões do canal pode veicular conteúdos e assim contribuir para conscientizar e engajar mulheres e/ou sujeitos de diferentes gêneros em desafios relacionados ao tema.

No segundo canal, no episódio *Por que migramos para Paris? Nos bastidores da migração de duas brasileiras periféricas*, entra em discussão a história de duas brasileiras que decidiram migrar para Paris, na França. Elas contam suas experiências e os motivos que as levaram a tomar essa decisão. As duas compartilham suas vivências como imigrantes, destacando os desafios e dificuldades enfrentados ao deixarem suas comunidades periféricas no Brasil para se estabelecerem em um país

estrangeiro. Falam sobre as expectativas e as realidades do processo de adaptação, como a língua, o choque cultural que tiveram, a busca por emprego e a questão do racismo enfrentado. Abordam também a questão da periferia, discutindo os estereótipos e preconceitos associados a essa origem e como isso influenciou em suas decisões de migrar para o exterior em busca de uma vida melhor. As duas narrativas compartilham aprendizados, conquistas e dificuldades ao longo do processo de migração, o que se torna não apenas uma oportunidade de conhecer de perto a experiência de migração dessas mulheres, mas também refletir sobre as questões sociais e culturais envolvidas nesse tipo de escolha. Além disso, o programa enalteceu a coragem daquelas mulheres pela decisão de deixar seu país de origem.

Os entendimentos aludidos no parágrafo anterior me remetem a refletir sobre as possíveis representações que estariam circulando, o quanto esse tipo de conteúdo estaria sendo uma Pedagogia cultural em operação. Por um lado esse tipo de dispositivo cultural, no caso desse podcast, estaria subjetivando, provocando reflexões e aprendizagens, tal como ensinam Andrade e Costa [...] os dispositivos culturais e midiáticos operam sobre os indivíduos provocando reflexões e aprendizagens carregadas de ideologias, que são produtoras de representação, portanto, “educam, regulam condutas, subjetivam (ANDRADE E COSTA, 2015, p. 850). Por outro, as narrativas veiculadas podem estar ensinando, ditando forma de ser corajosa, ou seja, este seria o valor a ser buscado.

Essa confusão da narrativa com a vida, essa sensação de estar lendo (ou ouvindo, no caso do podcast) a narrativa de sua própria vida, conecta o público ao artefato midiático de forma que esta conexão permita reflexões e reconhecimentos, que constituem modos de ser e viver.(MARQUES, 2020, p. 23)

No segundo episódio, intitulado *Fechando e abrindo ciclos entre o Brasil e a França*, a temática da migração é abordada novamente, porém, com outra personagem. A narrativa apresentada focou nos desafios de uma mulher ao decidir se mudar do Brasil para a França, incluindo as razões por trás dessa decisão (como a busca por novas oportunidades profissionais, a vontade de conhecer uma cultura diferente e o desejo de se reinventar) e como ela se adaptou (são compartilhadas estratégias de adaptação) a um novo ambiente e cultura. O episódio também discorreu sobre a

importância de fechar ciclos na vida e como a mudança de país pode ser um exemplo disso. A convidada falou sobre o processo de desapego de sua vida no Brasil, como encerrou relacionamentos, vendeu pertences e despediu-se de amigos e familiares, destacando a sensação de “liberar energias passadas e abrir-se para novas possibilidades como algo libertador e transformador”. A ênfase foi sobre a coragem de deixar para trás uma vida familiar e confortável em busca de algo novo e desconhecido. Em síntese, uma narrativa sobre como superar desafios e encontrar felicidade e realização pessoal em um novo país e cultura.

O episódio é um relato detalhado que pode oferecer *insights* e ser uma fonte de inspiração para todas aquelas que estão considerando uma grande mudança em suas vidas, podendo assim contribuir para tomadas de decisão de se mudar para outro país. Lembro aqui que uma Pedagogia Cultural age de forma que o indivíduo poderá ser incitado a operar sobre si mesmo (moldar-se) para buscar se tornar o sujeito que alguns discursos determinam, neste caso, mais específico a mulher, estaria sendo estimulada a buscar superar desafios, encerrar ciclos, se reinventar, ser corajosa.

O terceiro episódio, intitulado *O trabalho nos define? Redefinindo o “sucesso” na migração parte 2*, explora o tema da migração, tratando mais especificamente sobre o sucesso no trabalho. O episódio discute o significado de "sucesso" e como ele é definido de maneira diferente por cada indivíduo. Destaca que há uma necessidade de questionar a definição de sucesso profissional e fala que a felicidade e a realização não se limitam às conquistas profissionais, mas também estão relacionadas à qualidade de vida, saúde mental e equilíbrio entre vida pessoal e profissional.

O episódio enfatiza a importância de uma abordagem individualizada para a definição de sucesso, permitindo que cada pessoa crie seu próprio significado e priorize seus valores pessoais. Diz que o trabalho não deve ser o único aspecto que define uma pessoa, e é necessário encontrar um equilíbrio entre carreira e bem-estar. No geral, o episódio promove uma reflexão sobre a cultura do trabalho e incentiva os ouvintes a repensarem as pressões e expectativas associadas ao sucesso profissional, buscando um equilíbrio saudável em suas vidas. Note que mesmo que o episódio venha sugerir

que cada um busque, de forma “livre” sua opinião própria sobre o tema, as narrativas procuram mostrar o caminho de como o sujeito deve ser: livre para refletir e ter sua própria opinião sobre o assunto. O conteúdo apresentado funciona como uma espécie de estratégia que busca produzir um tipo de comportamento, atitude ou posicionamento. Ou seja, é por meio de “[...] imagens, discursos e narrativas postas em circulação por revistas, jornais, publicidades etc., que aprendemos a ser sujeitos de um certo tipo e é por meio da produção e circulação dessas representações que as pedagogias culturais operam.” (COSTA, 2015, p. 852)

O quarto e último episódio desse canal, intitulado *Porque as mulheres estão migrando mais?*, aborda a migração a partir da suposta crescente tendência de mulheres irem em busca de melhores oportunidades e condições de vida. Discute as razões por trás desse fenômeno e os motivos que fazem com que essas mulheres deixem seus países de origem. Explica que a migração tem aumentado nos últimos anos devido a vários fatores como a busca por melhores condições econômicas. Atribui à dificuldade de encontrar empregos bem remunerados e com igualdade de gênero em seus países de origem. Fala que a migração também pode ser motivada por questões sociais e políticas, como a violência de gênero e discriminação. No episódio as diferenças são abordadas na forma como homens e mulheres migram, pois enfrentam desafios diferentes. É discutido os impactos negativos e positivos da migração na vida das mulheres.

O episódio apresenta relatos de mulheres migrantes, e por meio desses relatos é possível compreender melhor as complexidades e desafios enfrentados por mulheres que decidem migrar. Ou seja, através das reflexões o programa denuncia e ensina.

Em síntese, o canal aborda diversos temas relacionados à migração feminina no Brasil. Entre os assuntos discutidos estão os desafios enfrentados por mulheres migrantes, as questões de gênero e raça, a xenofobia, o acesso a direitos básicos como saúde e educação, as histórias de mulheres migrantes de sucesso, entre outros assuntos relevantes para esse contexto específico. Ao que tudo indica, o objetivo do canal é promover debates sobre a experiência das mulheres migrantes e gerar troca de

experiências.

Nesse sentido, o podcast pode ser uma fonte de inspiração para imigrantes que ouvirem outras pessoas compartilharem suas experiências, apresentando exemplos de superação e de luta das mulheres. Isso, de alguma forma, poderá fortalecer a identidade cultural e oferecer um senso de pertencimento em um ambiente estrangeiro.

Ao ouvirmos diferentes perspectivas de imigrantes, podemos questionar nossa própria visão de mundo e reavaliar nossas suposições e entendimentos, levando a uma melhor aceitação das culturas distintas da nossa.

Em suma, a abordagem apresentada tem potência para impactar a cultura ao promover educação intercultural, ao sensibilizar e estimular à identificação e ao encorajamento. Ele estaria instigando uma mudança de perspectiva em relação à imigração e às diversas culturas presentes na sociedade, pois:

Em meio às potencialidades comunicativas da era digital, e sabendo que as novas tecnologias de comunicação possibilitam um redimensionamento dos modos de organização de inúmeros movimentos sociais, o feminismo passa a perceber no mundo virtual um lugar de práticas e expressões coletivas, com novas significações e endereçamentos múltiplos.(CARVALHO, 2015, p. 61)

O terceiro canal, no primeiro episódio, intitulado *Por que é importante falar sobre feminismos*, discute o feminismo e suas diferentes vertentes na sociedade atual. Explora o conceito do feminismo como “uma luta por igualdade de direitos e oportunidades entre homens e mulheres”. Desse modo é explicado como o movimento se desenvolveu ao longo dos anos. Observa a importância de abordar diferentes perspectivas e experiências dentro do feminismo, reconhecendo a interseccionalidade e os diferentes desafios enfrentados por mulheres de diferentes origens sociais, culturais e raciais. Destaca a importância de se falar sobre o assunto para promover a igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres.

O segundo episódio, intitulado *A construção social dos gêneros*, discute a maneira como os gêneros são socialmente construídos. É explorado as diferentes maneiras pelas quais a sociedade define e reconhece o gênero, destacando como

essas definições podem ser restritivas e prejudiciais para aqueles que não se encaixam nas normas tradicionais. Discute-se como a sociedade promove estereótipos de gênero e como isso afeta a autoimagem e a identidade das pessoas. Também são abordados os desafios enfrentados pelas comunidades transgênero e o papel da linguagem na construção dos gêneros.

No geral, o episódio destaca a importância de desafiar e questionar as normas de gênero para criar uma sociedade mais inclusiva e igualitária. Percebo novamente aqui a dimensão pedagógica do programa que faz uma convocação: desafie, questione!

No terceiro episódio, intitulado *O patriarcado e a violência contra as mulheres*, os participantes exploram a relação entre o patriarcado e a violência direcionada às mulheres. Discute como o sistema patriarcal perpetua essa violência, desde a cultura até as estruturas sociais que favorecem a dominação masculina. Também aborda sobre o papel da mídia na normalização dessa violência e é destacado a importância da conscientização, educação e mudança de comportamento para combater e acabar com essa forma de opressão. O tempo todo é perceptível a denúncia e a convocatória, ou seja, é o podcast educando e ensinando modos de pensar e agir.

O quarto episódio, intitulado *Os feminismos e a luta antirracista*, aborda a interseccionalidade entre o feminismo e a luta contra o racismo. Os apresentadores discutem a importância de reconhecer as diferentes experiências das mulheres negras e destacam como o feminismo branco frequentemente falha em abordar essas questões. Eles também discutem a importância de fortalecer as vozes das mulheres negras e garantir sua participação ativa no movimento feminista. No geral, o podcast explora a importância de uma abordagem inclusiva e interseccional para combater as desigualdades de gênero e raciais. Nesse sentido:

É ingênuo acreditar que um feminismo único pudesse representar todas as pessoas do mesmo gênero. É natural em uma sociedade machista, moralista, cristã e eurocêntrica que as mulheres brancas tenham necessidades infinitamente diferentes daquelas apresentadas pelas mulheres negras ou indígenas. A classe social também é fator de grande impacto nas lutas do feminismo. As necessidades de uma mulher negra que mora na periferia e trabalha mais de 12 horas por dia são muito diferentes das necessidades de uma mulher branca de classe média que trabalha meio turno. (MARQUES, 2020, p.100)

É notável que a proposta do programa é provocar reflexões sobre questões relacionadas aos feminismos. Ao discutir questões pertinentes ao feminismo, o canal contribui para que mulheres venham desejar ter seus direitos respeitados e suas vozes ouvidas. E para que isso venha a se concretizar na prática, elas poderão então operar sobre si ações que considerarem (ou aprenderem) relevantes para tal feito.

Como hipótese inicial penso que o canal tenha o potencial de influenciar a sociedade de várias maneiras, pois ao fornecer análises sobre as questões relacionadas aos feminismos e à sociedade, ele estaria promovendo uma maior compreensão desses tópicos, contribuindo para desmistificar os feminismos e combater os estereótipos e equívocos comumente associados a eles.

Além disso, o canal pode funcionar como uma plataforma para destacar as questões e desafios enfrentados pelas mulheres na sociedade contemporânea. Ao ouvir histórias e experiências de mulheres de diversos contextos, os ouvintes podem desenvolver uma maior empatia sobre as desigualdades e discriminações que as mulheres enfrentam diariamente. O canal também pode ser uma fonte de informação que pode ajudar a subsidiar discussões e debates sobre igualdade de gênero, desigualdade salarial, representação política, violência de gênero e outros assuntos relacionados as mulheres e a luta feminista.

O quarto canal analisado, no primeiro episódio, intitulado *Meu primeiro encontro com o racismo*, o assunto é sobre o racismo. Nele, são abordados temas relacionados à discriminação racial, preconceito e as emoções envolvidas nessa situação. A partir de um relato pessoal, são feitas reflexões sobre a necessidade de combate ao racismo e estratégias para a promoção da igualdade racial.

No segundo episódio, o podcast intitulado *Qual a cor da produção cinematográfica*, discute a importância da cor na produção cinematográfica, explorando como a escolha da paleta de cores influencia a narrativa e a experiência do espectador. Além disso, são analisados exemplos de filmes que utilizaram a cor de forma impactante e reflexiva, demonstrando como as escolhas cromáticas podem transmitir

emoções, criar atmosferas e até mesmo contar histórias. Em resumo, o podcast explora a importância da cor como elemento fundamental na criação cinematográfica.

No terceiro episódio do podcast, intitulado *Porque as pessoas que cometem racismo não são pretas*, a abordagem etno racial problematiza a supremacia branca que perpetua o racismo, denunciando que a falta de educação e empatia estaria contribuindo para isso. Também são analisadas algumas estratégias para combater o racismo, como o diálogo aberto e honesto e a promoção da igualdade racial. O episódio busca aumentar a conscientização sobre a injustiça racial e incentivar a reflexão sobre os preconceitos arraigados na sociedade.

No quarto e último episódio do canal, o episódio de podcast intitulado *Dia Internacional da mulher Negra, Latino-americana e Caribenha*, aborda o Dia Internacional da Mulher Negra, Latino-Americana e Caribenha, que é comemorado em 25 de julho.

Os participantes falam que é importante essa data para destacar e celebrar as conquistas e desafios enfrentados pelas mulheres negras na região. Eles discutem temas como representatividade, igualdade de gênero e raça, além de compartilhar experiências pessoais e histórias de mulheres negras. O episódio também aborda a importância de reconhecer e valorizar a diversidade cultural e étnica da América Latina e do Caribe.

Como considerações sobre o canal, o Pretoteca é um podcast que aborda temas relacionados à população negra, sua cultura, história e lutas por igualdade racial. Busca trazer discussões sobre a representatividade negra na sociedade. No Pretoteca, os apresentadores exploram diversos assuntos, como o racismo estrutural, identidade racial, empoderamento negro, feminismos negros, movimentos antirracistas, além de debaterem sobre artistas, escritores e personalidades negras que são referências na cultura brasileira.

O podcast também busca trazer histórias e experiências de convidados especiais, como especialistas, ativistas, escritores, artistas e representantes de diferentes áreas de atuação, que contribuem para ampliar o conhecimento sobre a

diáspora africana e as vivências dos negros no Brasil. Percebe-se que segue um padrão semelhante aos demais, ele denuncia e ensina.

Considerando-o como um artefato, o canal Pretoteca pode ter um impacto significativo na cultura, principalmente ao oferecer uma plataforma para vozes e expressões culturais diversas. Primeiramente pode ajudar a promover a diversidade cultural, e isso poderá contribuir para a quebra de estereótipos e preconceitos, oferecendo uma oportunidade para que diferentes perspectivas sejam ouvidas.

Além disso, o canal pode servir como um meio de educação e conscientização cultural ao apresentar conteúdos que abordam questões raciais, sociais e históricas, e assim ele pode ajudar a informar e ampliar o conhecimento dos ouvintes sobre tópicos relacionados à cultura.

Outro possível impacto é o fortalecimento da identidade cultural das comunidades representadas no canal, pois ao disponibilizar um espaço para artistas e criadores compartilharem suas obras e experiências, pode promover um senso de orgulho e pertencimento, além de encorajar o público a se conectar com suas próprias raízes e herança cultural.

Cabe aqui destacar que este canal variou em comparação aos demais, porém, acredito ser importante incorporá-lo a esse estudo pois o mesmo abrange questões das mulheres e vai além. Logo, pode-se dizer que devido a isso, abrange um público mais amplo do que só o público feminino, e com esse fato, é bem possível que as questões que são caras as mulheres sejam ouvidas também por outros públicos como o público dos homens, o que pode então vir a ocasionar em conhecimento de tais questões e gerar assim, empatia. Ou seja, esse canal mescla, além de questões que envolvem as mulheres e suas lutas, questões relacionadas à identidade cultural das comunidades então representadas.

No quinto e último canal a ser analisado, no primeiro episódio, intitulado *Duas caixinhas*, os apresentadores discutem sobre a questão dos padrões impostos pela sociedade. A questão de gênero é abordada inicialmente. Fala-se sobre a complexidade de gênero como construção social e não apenas como questão biológica.

No segundo episódio, o podcast intitulado *Estéricas e Lobotomizadas*, discute o tema da histeria feminina relacionada à saúde mental da mulher. As apresentadoras abordam a história da histeria e a forma como as mulheres foram tratadas no passado, incluindo o uso da lobotomia como método de "cura". O episódio discute como a medicina patriarcal perpetuou estereótipos negativos e criou uma narrativa de loucura em torno das mulheres. As apresentadoras também compartilham histórias pessoais e dão exemplos de como a saúde mental ainda é estigmatizada nas mulheres atualmente. No final do episódio, são abordadas algumas estratégias para combater esse estigma e garantir cuidados adequados em relação à saúde mental feminina. Novamente evidencio a questão da denúncia e do ensino por meio de "estratégias".

O terceiro episódio, podcast intitulado *Complicadas demais*, explora a relação entre a ciência e o corpo feminino. A abordagem trata do modo como o corpo das mulheres é afetado por mitos, preconceitos e violências. Fala que os parâmetros de muitos estudos eram feitos com base em corpos masculinos e ignoravam os femininos, ou seja, ignoravam as variáveis.

No quarto e último episódio, intitulado *A cereja do bolo*, o tema discutido é que vende-se cirurgia plástica como realização dos sonhos das mulheres mas que na verdade esse "sonho" pode ser um bombardeio de imagens vendidas como ideais. Questionam sobre o que há por trás da área da estética. Lembra-se que inicialmente essa área iniciou com os feridos de guerra, e dão como exemplo os soldados, que retornavam "desfigurados" logo necessitavam de "reparos", e o que era para "corrigir" passou a servir para "melhorar".

Como considerações sobre o canal, ele aborda uma variedade de tópicos relacionados aos direitos das mulheres, igualdade de gênero, saúde e bem-estar, corpo e auto aceitação. O objetivo do canal é promover reflexões sobre questões feministas, como pano de fundo se dá um destaque a importância da diversidade, inclusão e empoderamento das mulheres. Ou seja, trata-se de um programa ensinando, denunciando e convocando para engajamento e ações.

Em resumo, o canal aborda questões relacionadas à igualdade de gênero e ao

empoderamento feminino. Explora temas como padrões de beleza, machismo, relacionamentos e saúde feminina. Busca desconstruir estereótipos e promover a reflexão sobre as opressões vividas pelas mulheres na sociedade.

REFLEXÕES A PARTIR DO ESTUDO

É chegado o momento de sistematizar o que foi analisado e os principais achados do estudo a que me dediquei. Prefiro nomear como reflexões, pois os mesmos são pontuais, se referem a esse momento do percurso, marcado pelo final de um curso de pós-graduação *lato sensu*, de especialização.

O que aprendi até então, me permite algumas considerações. Primeiro, o esforço em me inserir em um papel reflexivo de estudo e aprofundamento teórico que o curso me desafiou. Aprendi ao longo do percurso que nossas investigações, sobretudo aquelas que se encontram dentro da perspectiva deste estudo, não tem intenção dizer o que é certo ou errado. O estudo a que me dediquei teve como objetivo principal compreender quem seriam as mulheres contemporâneas e quais representações sobre as mulheres estariam em circulação nos podcasts. Assim, ao reconhecer que os artefatos da cultura, como no caso dos podcasts, implicam em representações e identidades, foquei minhas análises no referido artefato, perseguindo, desse modo, meus objetivos no estudo.

Em segundo e o mais importante, a satisfação do desafio cumprido, de produzir um ensaio de análise. Após o percurso trilhado, foi possível produzir algumas considerações sobre o material selecionado, obtendo entendimentos que ampliaram meus conhecimentos sobre a temática em questão.

Foi possível identificar algumas das representações sobre o feminismo e/ou mulheres nos canais de podcasts. Observei que cada canal buscou fazer circular um determinado “tipo” de mulher como por exemplo a imigrante, a que sofreu racismo, etc. Nesse sentido, algumas das representações do feminismo que estão em circulação,

tem a ver com a mulher que luta pela igualdade de direitos, que sai em busca de melhores condições de trabalho, que enfrenta obstáculos e desafios.

Os programas veiculados, operando como pedagogias culturais, transmitem o conteúdo, se utilizando de estratégias como denúncia e convocação. O modo da denúncia pode ser identificado quando o programa apresenta abordagem endereçada à mulher oprimida, por exemplo, ensinando sobre o quanto ela é explorada. Já o modo da convocação, pode ser identificado quando endereçado à mulher migrante¹⁸, por exemplo, convocando-a a ser corajosa. Quando endereçado à mulher oprimida, a convoca a enfrentar a opressão e a lutar contra o que a oprime. Ou seja, os programas incitam para que o público endereçado - e aqui no caso das mulheres - promovam ações sobre si. Em suma, estratégias de denúncia ou de convocações, incitam as mulheres para que operem, sobre si mesmas, que busquem a coragem e enfrentem as opressões, dentre tantas outras ações que elas entenderem como sendo necessárias.

Os discursos dos episódios analisados operam como uma Pedagogia Cultural, pois os mesmos estariam educando e ensinando, sobre ambições possíveis, sonhos a serem buscados, qualidades, jeitos de ser, etc. Dessa forma, foi possível pensar sobre os impactos dos conteúdos desses podcasts nos modos de ser mulher na contemporaneidade. Creio que, a partir do modo como os podcasts vêm abordando tais representações, se delinea sobre o ser mulher na contemporaneidade, seriam mulheres que estariam em busca de transformação e empoderamento. Assim, a mulher que hoje é oprimida se fará lutadora e a que desejar sair do país terá coragem e sairá. Ao considerar os discursos e narrativas circulantes nos programas, penso que cada vez mais as mulheres podem não apenas sonhar mais alto, mas sim alcançar novos patamares de reconhecimento e valorização. Isso me desafia a pensar que em futuro próximo teremos uma geração de mulheres exigentes, criteriosas, informadas, empoderadas e conectadas. Cabe destacar que é desafiador mapear as mulheres

¹⁸ A palavra migrante representa mudança. Já as palavras emigrante e imigrante dependem da perspectiva. Por exemplo, se eu saio do Brasil quem me vê sair fala emigrante brasileira. Mas se eu chego em outro país, lá me verão como imigrante brasileira. Em ambos casos migrei.

Balcão do Emigrante. Disponível em: <[As diferenças entre emigrante imigrante e migrante \(b-emigrante.com\)](http://b-emigrante.com)>. Acesso em 08/11/23

contemporâneas de uma forma geral pois estas são muitas, por isso gostaria de explicar que minha lente de aumento se voltou para as encontradas a partir das análises possíveis nesse trabalho.

Logo no início deste texto expliquei que, sempre que leio algo referente a temática das mudanças sociais, em especial as que se referem às mulheres, alguns questionamentos ainda pairam em minha mente como: de que forma as coisas mudaram assim? O que ocasionou tais mudanças? Nesse momento me atrevo a responder estes questionamentos a mim mesma e compartilhá-los aqui. Me arrisco a dizer que a forma como as coisas mudaram está intimamente relacionada aos discursos, e dessa forma posso interligar essa afirmação com o segundo questionamento. Creio que o que ocasionou tais mudanças foram as próprias mudanças nos discursos, por força das lutas das muitas mulheres.

Afirmar que ficava fazendo comparações entre como eram as mulheres no passado e como são atualmente, e disse que ficava pensando, como poderia ser no futuro. Logo, pensando então especificamente neste futuro, creio que ele será um lugar muito melhor de se viver, enquanto “ser mulher”, para as futuras gerações do que um dia já foi para as gerações anteriores. Romper com velhos discursos, promovendo diferentes, pode criar possibilidades para um novo “palco” social em que nós mulheres poderemos “atuar” com menos machismo, por exemplo. Entretanto, há de nos mantermos atentas pois, ao considerar alguns dos discursos impregnados e presentes em determinados artefatos culturais, ainda corremos riscos de atuarmos como “marionetes”. Ou seja, em parte somos o que desejamos ser e em parte somos o que a cultura nos impulsiona o desejo de ser.

Ao final do percurso, creio que é partindo de entendimentos desse tipo que devemos trabalhar, incansavelmente, questões de gênero, não somente em sala de aula, mas em todos os espaços que ocupamos.

REFERÊNCIAS

CAMOZZATO, V. C. (2014). Pedagogias Culturais. Educação e Amp; Realidade, 39 (2). Recuperado de <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/34268> Acesso em: 13 nov 2022.

CARVALHO, Ellen Larissa de. Da Participação ao Ativismo: as tecnologias da informação e comunicação aliadas ao feminismo. orientador, Giovani M. Lunardi Lunardi - Araranguá, SC, 2015. 112 p. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Araranguá. Graduação em Tecnologias da Informação e Comunicação. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/164969> . Acesso em 13 nov 2022.

COSTA, M. V., ANDRADE, , P. D. (2015). Na Produtiva confluência entre Educação e Comunicação, as pedagogias culturais contemporâneas. Perspectiva 33 (2), 843-862. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2015v33n2p843> Acesso: em 13 nov 2022.

DICIO, Dicionário Online de Português, definições e significados de mais de 400 mil palavras. Todas as palavras de A a Z. Feminismo. Disponível em: <[Feminismo - Dicio, Dicionário Online de Português](#)>. acesso em: 10/12/2023.

ELLSWORTH, Elisabeth. Modos de Endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org). Nunca fomos humanos - nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica: 2001. p. 07-76. disponível em: <https://www.academia.edu/5017798/Nunca_fomos_humanos_nos_rastros_do_sujeito_Tomaz_Tadeu-org>. Acesso em: 23/10/2023.

ESCOSTEGUY, A.C. SCHULMAN, N., JOHNSON, Richard. O que é, afinal, os estudos culturais. SILVA, Tomaz Tadeu (tradução). Belo Horizonte: Autêntica, 2007. Disponível em: <[Microsoft Word - 12- Johnson - Escosteguy - Schulman - O que e, afinal, Est... \(usp.br\)](#)>. acesso em: 04/11/2023.

HALL, Stuart. Cultura e Representação. Organização e revisão técnica: Arthur Ituassu. tradução: Daniel Miranda. Rio de Janeiro: PUC Rio:2016. disponível em:https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/HALL_Cultura_e_Representa%C3%A7%C3%A3o_-_2016.pdf Acesso em 13 nov 2022.

HOOKS, bell. O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras. Tradução de Ana Luiza Libânio. Editora Rosa dos Tempos, 2018. Disponível em: <[O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras \(usp.br\)](#)>. Acesso em: 10/12/2023.

LARROSA, J. (2004). A Operação Ensaio: sobre o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. Educação & Amp; Realidade,29 (1). Recuperado de: <[A Operação Ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida | Educação & Realidade \(ufrgs.br\)](#)>. Acesso em: 24/10/2023.

MARQUES, Cláudia Schneider. FALA QUE EU TE ESCUTO: O canal Mamilos de podcast ensinando sobre maternidade. Orientadora: Maria Lúcia Castagna Wortmann. 2020. 143 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação . Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2020. Disponível em:<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/218424> . Acesso em:13 nov 2022.

MEDEIROS, Martha. Diante da secular hegemonia masculina, nossa independência ainda é uma novidade. Disponível em: <[Diante da secular hegemonia masculina, nossa independência ainda é uma novidade - NSC Total](#)>. Acesso em: 16/10/2023.

RIBEIRO, D. O que é: lugar de fala?. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017. Disponível em: <[Coleção Feminismo Plurais – Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros \(unifap.br\)](#)>. Acesso em: 10/12/2023.

Spotify web player música para todas as pessoas . Disponível em: <<https://open.spotify.com/intl-pt> >. Acesso em: 23/10/2023.

ANEXOS

1. Nota 6 - Tabela de livros

Livro 1: CLAUSET, Luiz Roberto; CLAUSET, Rosemary Nogueira; MAGALHÃES, Décio Gonçalves Ribeiro; RIBEIRO, Nylton Gandra. Enciclopédia do Ensino Integrado e Supletivo: Ensino Atualizado Da Nova Escola No Brasil - Estudos Sociais Geografia e História Moral e Cívica. São Paulo: Li-bra, 1978.

Livro 2: BIBLIOTECA Telecurso 2º Grau História e Literatura Brasileira. Brasília: Gama, [s.d.].

Livro 3: MELLO, Leonel Itaussu A.; COSTA, Luís César Amad. História Moderna e Contemporânea. 5ª ed. São Paulo: Scipione Ltda. 1995.

Livro 4: PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudino. Brasil: da Pré-História à Independência. História e Vida. Vol.1. 18ª edição. São Paulo: Editora Ática S. A. 1995.

Livro 5: ORDOÑEZ, Marlene. História: Moderna e Contemporânea. 1 ed. São Paulo: IBEP, 1999.

Livro 6: VALENTINI, Lucy R.; VILELA Maria Célia P.; ORDOÑEZ, Marlene. História: Cultura e Sociedade. São Paulo: IBEP, 2007.

Livro 7: COTRIM, Gilberto. Saber e Fazer História: História Geral e do Brasil 7ª série Consolidação do Capitalismo e Brasil Império. 2ª ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

Livro 8: VILLA, Marco Antonio; FURTADO, Joaci Pereira. Caminhos da História: Da expansão marítimo comercial europeia aos nossos dias. 1º ed. São Paulo: Ática. 2005

Livro 9: MELANI, Maria Raquel Apolinário. Projeto Araribá: História (Ensino Fundamental). 1. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

Livro 10: AZEVEDO, Gislane; SERIACOPI, Reinaldo. História em Movimento 1: Dos Primeiros Humanos ao Estado Moderno. 2º ed. São Paulo: Ática. 2014.

2. Nota 7 - Tabela de contrapontos (artefatos livros e músicas)

Artefatos	Passado	Presente
Livros	Maria, Dora. Aprenda Boas Maneiras. Rio de Janeiro: Editora Gertum Carneiro S/A, 1958.	D'ÁVILA, Manuela. Sempre foi sobre nós: relatos da violência política de gênero no Brasil. Porto Alegre: Instituto E Se Fosse Você?, 2021.
Músicas	ALVES, Atilaf; LAGO, Mário. Ai Que Saudade da Amélia. Interpretada por Nelson Gonçalves. Gravadora RCA Victor, 1942.	PITTY. Desconstruindo Amélia. In: Chiaroscuro. [S.l.]: Deckdisc, 2009. Faixa 2.